

## ESTILO, FORMA E FUNÇÃO: DAS FLECHAS XIKRIN AOS ARTEFATOS LÍTICOS

*Lucas de Melo Reis Bueno\**

BUENO, L.M.R. Estilo, forma e função: das flechas Xikrin aos artefatos líticos. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 13: 211-226, 2003.*

**RESUMO:** Através da análise da variabilidade formal de flechas Xikrin, presentes no acervo do MAE/USP, procuramos averiguar a existência de um modo de fazer flechas que seja característico desse grupo e quais atributos são fundamentais na definição dos diferentes tipos de flecha. Classificando as flechas de acordo com a descrição feita por Frickel (1968), procuramos também investigar a relação entre forma e matéria-prima da ponta com a função das flechas. Por fim, levantamos algumas hipóteses para pensar a variabilidade de pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico e a necessidade de rever o atual esquema classificatório empregado no Brasil para esse tipo de artefato.

**UNITERMOS:** Xikrín – Flechas – Variabilidade formal – Estilo – Forma – Função – Variação isocréstica – Pontas de projétil.

### **Introdução**

O presente trabalho apresenta um exercício de análise realizado com as flechas Kayapó-Xikrin presentes no acervo do MAE/USP. Através da variabilidade formal dessas flechas procuramos identificar a existência de um estilo de fazer flechas Xikrín e a relação da forma e matéria prima da ponta com a função das flechas. A partir dos resultados obtidos levantamos alguns pontos relevantes quanto à relação forma, matéria prima e função para a elaboração de tipologias de pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico.

Este trabalho surgiu em decorrência de um projeto para curadoria das flechas Xikrin presentes

na Coleção Lux Vidal, cujos objetivos incluíam: 1º) fazer a curadoria da coleção; 2º) classificar as flechas dessa coleção de acordo com os tipos definidos por Frickel (1968); 3º) comparar as flechas de um mesmo tipo dessa coleção com a descrição feita por Frickel a fim de averiguar variações temporais em alguns atributos; 4º) investigar a relação entre a forma e a função das flechas através de uma análise acerca da variabilidade formal destas, procurando identificar os atributos que variam e os que não variam tanto em flechas com diferentes funções quanto em flechas com a mesma função; 5º) fazer uma discussão acerca da relação estilo x forma x função, levantando a questão da existência ou não de um estilo para as flechas Xikrin, e 6º) discutir as implicações desse estudo para a questão da classificação e do significado da variabilidade formal dos artefatos líticos, em especial, para as pontas de projétil.

É importante frisar que não estamos buscando leis gerais ou nos baseando em analogias diretas e,

\* Doutorando em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP.

muito menos, pensando nas sociedades indígenas atuais como um registro fóssil do passado. O objetivo é averiguar como se dá a relação entre esses três aspectos das pontas das flechas Xikrin – forma, função e matéria-prima – para levantar hipóteses acerca das escolhas e das razões dessas escolhas na elaboração da cultura material em geral. Ou seja, o principal problema abordado envolve a questão da variabilidade da cultura material e, mais especificamente, como essa variabilidade é gerada. Nesse sentido, o que pretendemos aqui é a partir do estudo de uma coleção etnográfica, levantar hipóteses sobre os aspectos que influenciam as escolhas efetuadas ao longo do processo de produção das pontas de projétil líticas, responsáveis pela variabilidade de design desses artefatos.

É preciso ainda lembrar que procuramos focar a variabilidade decorrente apenas do processo de produção e não de todas as atividades envolvidas na cadeia comportamental dos artefatos. Isso é bastante importante, pois no caso dos artefatos líticos, há uma série de fatores relacionados, por exemplo, à reutilização, saque e curadoria que podem alterar a forma final do artefato, mas que não serão contemplados nesta análise (Dibble 1987; Nelson 1997; Rolland e Dibble 1990).

### **Estilo, forma e função**

A discussão acerca da relação entre estilo, forma e função na arqueologia remonta ao começo dessa disciplina, e, no entanto, se mantém extremamente atual suscitando ainda muita polêmica. Algumas das questões centrais desse debate dizem respeito a onde reside o estilo e qual seu significado (Conkey 1990; Conkey e Hastorf 1990; David e Krammer 2001; Hegmon 1992).

Apesar de estarmos trabalhando com o objetivo de definir um estilo de fazer flechas Xikrin a partir da análise da variabilidade formal desses artefatos, não estamos utilizando um enfoque que considera apenas o artefato final como detentor de significado, nem afirmando a existência de uma dicotomia entre estilo e função, manifesta por atributos funcionais versus atributos estilísticos, ou ainda encarando o design dos artefatos como sendo decorrente de projetos mentais pré-estabelecidos na mente do artesão e materializados no artefato (Binford 1989; Dunnell 1979; Wiessner

1983; Wobst 1977). A variabilidade formal identificada nos artefatos é pensada aqui como sendo decorrente das escolhas realizadas ao longo do seu processo de produção (Schiffer e Skibo 1997; Lemonier 1986, 1993; Pfaffenberger 1992).

Nessa perspectiva, o design do artefato é resultado de uma série de atividades que podem ser levadas a cabo de diferentes maneiras, mas para as quais os artesãos, em decorrência das características de performance envolvidas em cada uma delas, fazem escolhas que, por sua vez, determinam as características formais finais do artefato (Schiffer e Skibo 1997). Como essas escolhas envolvem desde o conhecimento, ordenação e classificação do mundo (Lévi Strauss 1989), um “condicionamento cultural do corpo” (Mauss 1991), um processo de ensino-aprendizagem específico (Ingold 2001), até uma determinada organização social do trabalho (Pfaffenberger 1992), podemos dizer que todas elas são culturalmente significativas. Nesse sentido, o estilo não está só na forma final do artefato, mas também em todas as escolhas realizadas ao longo de sua vida útil (David e Krammer 2001:172).<sup>1</sup> Ou seja, não podemos dizer que o fato de se produzir uma ponta de forma lanceolada está exclusivamente relacionado à função. Há diferentes maneiras de fazer e de usar uma ponta lanceolada ou ainda de caçar o mesmo animal, fazendo com que a escolha por produzir de uma determinada maneira seja indicadora do estilo desse determinado grupo.

Um ponto importante nessa discussão envolve o significado conferido a essas escolhas e à mensagem transmitida pelos artefatos através do estilo (Wobst 1977; Sackett 1982; Wiessner 1983). Durante a década de 1980 autores como Sackett (1982, 1985, 1986, 1990) e Wiessner (1983, 1984, 1985, 1990) discutiram a fundo essa questão, divergindo principalmente em torno de dois pontos: 1) onde reside o estilo – forma adjunta X processo de manufatura dos artefatos, e 2) tipo de mensagem que é transmitida e sua intencionalidade – identidade (étnica, social, individual), consciente ou inconsciente. Enquanto para Sackett (1982) os diferentes modos de fazer artefatos com a mesma função transmitem sempre uma mensagem, ainda que inconsciente, sobre identidade étnica (variação

(1) Para uma discussão a respeito dessa perspectiva e sua aplicação no estudo das pontas de projétil líticas do sul do Brasil ver Dias e Silva 2001

isocréstica e estilo passivo), para Wiessner (1983) certos aspectos de alguns itens da cultura material são escolhidos pelos artesãos para transmitir uma mensagem consciente a respeito de identidade, que pode ser étnica, social (estilo emblemático) ou individual (estilo assertivo).

Após muito debate, ambos os autores arrefecem suas posições aceitando, de um lado, que nem todas as escolhas relacionadas à transmissão de mensagem são conscientes e representam um estilo ativo (Wiessner 1990) e, de outro, que nem toda variação isocréstica é necessariamente indicadora de identidade étnica (Sackett 1990). Nesse sentido, o mais importante desse debate foi a ênfase dada ao processo de produção como possível “local” do estilo, o que por sua vez aponta na direção da supressão da dicotomia entre estilo e função. Além disso, outro ponto importante diz respeito à multiplicidade de significados que pode ter esse estilo uma vez que abarca diferentes manifestações culturais, desde as relações individuais, de parentesco, de gênero, sociais e étnicas.

Como dissemos anteriormente, neste estudo trabalhamos apenas com a variabilidade formal já que não há descrições a respeito do processo de produção dessas flechas. Sendo assim, nos concentramos em mapear na forma dos artefatos diferentes níveis de variação dos atributos, levantando hipóteses sobre a escala das escolhas, o que inclui, escolhas relacionados ao grupo, escolhas individuais e escolhas mais diretamente voltadas para as características de performance finais dos artefatos, o que não envolve exclusivamente a função, mas também o modo pelo qual esta é realizada. Portanto, não iremos, por enquanto, definir um estilo de fazer flechas Xikrin, uma vez que isto demandaria identificar as escolhas relacionadas a essa variabilidade formal e, mais que isso, entender suas razões. É importante salientar ainda que apesar de separarmos a variabilidade formal em diferentes níveis, todos esses aspectos – grupo cultural, indivíduo, fatores situacionais, características de performance – estão interligados em cada escolha realizada ao longo do processo de produção, utilização e descarte dos artefatos (Schiffer e Skibo 1997).

### **Os Xikrin e o acervo de flechas do MAE/USP**

Os Kayapó-Xikrin são um sub-grupo dos Kayapó Setentrionais, grupo do tronco lingüístico

Jê. Vivem em duas aldeias, ambas às margens do rio Cateté, no sudeste do estado do Pará. A maior delas, com cerca de 500 habitantes é denominada aldeia Cateté e é de onde provêm as flechas das diferentes coleções aqui estudadas. A outra, denominada Djjudê-Kô é bem menor, com cerca de 100 habitantes (Silva 2000:117).

Apesar de estarmos trabalhando com as flechas, a caça não é o principal meio de subsistência dos Xikrin. Esta é baseada principalmente na agricultura, com o cultivo de itens como a mandioca, o milho, o urucum e o algodão. A caça assim como a coleta complementa a subsistência com animais como a anta, o porco-do-mato, a paca, o tatu, a cotia, o veado, o jabuti e pássaros como o mutum, o jacu, a arara e o inambu. Embora o rio Cateté seja pouco piscoso, a pesca também é praticada entre os Xikrin.

Atualmente, o principal artefato utilizado para caçar é a arma de fogo introduzida pelos homens brancos. No entanto, o arco e flecha são também utilizados tanto na caça quanto na pesca, apesar de não serem artefatos tradicionalmente Xikrin. Para esse grupo, o artefato tradicionalmente utilizado nas atividades de guerra e de caça é a borduna (Silva 2000:119).

Apesar de vários autores caracterizarem os Xikrin como os “sem arco”, “os gente borduna” (Frickel 1968:20), escolhemos trabalhar especificamente com esse grupo pelo fato de termos uma análise pormenorizada de todos os tipos de flecha produzidos por eles, com a identificação do seu nome e função. Essa classificação foi publicada em 1968 por Protássio Frickel que passou cerca de um mês e meio entre os Xikrin, nos anos de 1962 e 1963. Num detalhado trabalho, Frickel descreve uma série de aspectos formais das flechas e dos arcos, indicando o nome Xikrin de quase todos os materiais envolvidos na sua produção e a função de cada tipo de flecha. Não há, no entanto, nenhuma referência quanto ao processo de produção que, devido às diferentes matérias-primas utilizadas, deve englobar uma série de atividades de obtenção de matéria-prima, processamento dos materiais e armazenamento que envolve pessoas de ambos os sexos na aldeia. Dentre essas atividades podemos incluir, por exemplo, obtenção e preparo da casca de ambé, da resina de jatobá, da cera de abelha, de uma espécie de taboca chamada taquari, da paxiúba e de penas de arara, mutum ou urubu (Frickel 1968:19-26). Ainda um aspecto de suma

importância é o fato de os arcos e flechas serem produzidos e utilizados exclusivamente pelos homens e para caça, sendo a borduna a arma predileta para guerra, mas que em muitas ocasiões participa também das atividades de caça.

Até o momento analisamos parte da coleção de flechas Xikrin presente no acervo do MAE/USP, sendo 19 da Coleção Lux Vidal, 15 da coleção do Museu Paulista e 2 da coleção Plínio Ayrosa. Apesar de o projeto inicial envolver apenas a curadoria das flechas da coleção Lux Vidal, para avançar na discussão acerca da existência de um modo específico de fazer flechas Xikrin, foi necessário aumentar nossa amostra de modo a incluir pelo menos um exemplar de cada tipo, o que só foi possível com a inclusão de peças dessas outras duas coleções.

Sobre o período e a metodologia de coleta dessas flechas junto aos Xikrin sabemos que todas elas provêm da aldeia do Cateté, no Pará, e foram coletadas a partir de finais dos anos sessenta. A coleção Lux Vidal foi formada ao longo de trinta anos de pesquisa, reunindo flechas de diferentes períodos de coleta, para a qual não foi utilizado nenhum método sistemático. As flechas da coleção do Museu Paulista foram obtidas pelo Padre Caron em duas épocas distintas, a primeira entre 1968 e 69 e a segunda em 1971. Por fim, as da coleção Plínio Ayrosa foram obtidas também pela Dra. Lux Vidal em 1973.

### Procedimentos de análise

Para a realização dos objetivos acima explicitados utilizei um banco de dados com todos os atributos identificados por Frickel em 1968, aos quais adicionamos outros definidos por Chiara e Heath, no livro *Brazilian Archery* de 1978. Esse procedimento visa identificar possíveis variações inter- e intra-tipos não citadas por Frickel, mas que possam trazer informações importantes acerca da existência de um estilo para as flechas Xikrin (Figs. 1 e 2).

Como ponto de partida utilizamos a descrição elaborada por Frickel para toda a variedade de pontas Xikrin por ele encontradas, o que compreende nove tipos de flechas, distribuídos em três principais funções: caça grande, pesca e caça de aves e animais pequenos (Fig. 3).

O primeiro passo da análise foi classificar as flechas do acervo de acordo com a descrição de

Descrição dos Atributos	
Nome	
Uso	
Tamanho Total (mm)	
Haste	Material Medidas
Vareta	Material Medidas
Ponta	Material Forma Medidas
Amarrações	Haste-Vareta Ponta-Vareta Haste-Ponta
Emplumação Principal	
Emplumação Complementar	Distal Basal
Amarração da Emplumação	Material Maneira Extremidade basal Extremidade distal
Forma da Emplumação*	Tamanho Posição
Cor da Emplumação*	Fora Dentro
Emplumação na Amarração Distal*	
Entalhe	
Observações	

Fig. 1 – Tabela com os atributos analisados. Aqueles marcados com (\*) foram definidos por Chiara e Heath (1978); os demais provêm da ficha de análise de Frickel (1968).

Frickel, definindo seu nome e função. Feito isso, procuramos definir se havia variações internas a cada tipo e, havendo, identificar os atributos onde encontrávamos essas variações e aqueles que eram constantes. Ou seja, procuramos observar, para cada tipo de flecha, quais atributos eram constantes em todos os exemplares de que dispúnhamos e quais estavam variando de um exemplar para o

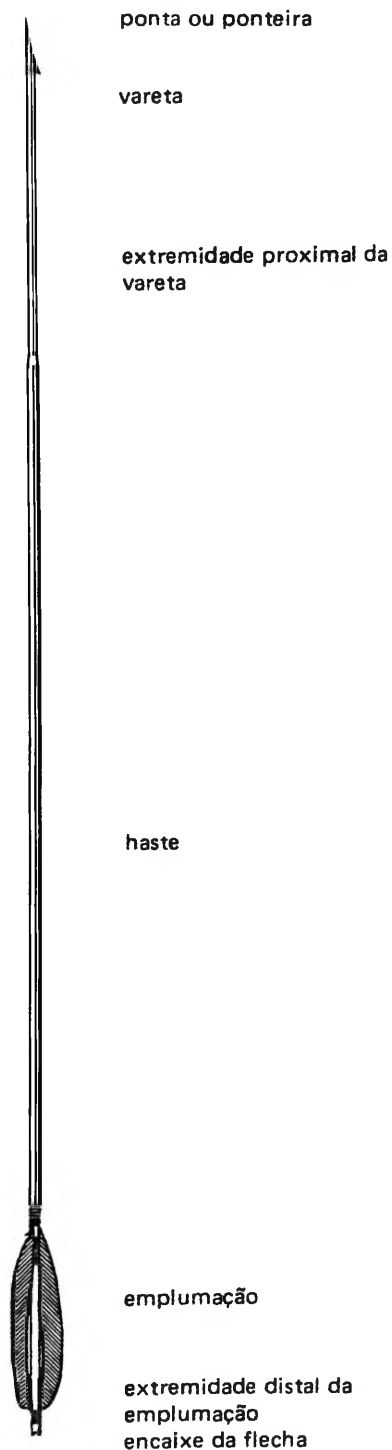


Fig. 2 – Esquema indicando as partes constituintes de uma flecha. Fonte: Chiara 1986:125.

Nome	Função
<b>Buri</b>	Caça grande
<b>Pó</b>	Caça grande
<b>Poteké</b>	Caça grande
<b>Kruanó</b>	Animais pequenos, aves maiores e pesca
<b>Mru-í</b>	Animais e aves pequenos e pesca
<b>Akêno</b>	Animais e aves pequenos
<b>Ikôp</b>	Animais e aves pequenos
<b>Miétyetperu</b>	Pesca
<b>De Ferro</b>	Pesca

Fig. 3 – Tabela com o nome e função das flechas Xikrin identificados por Frickel.

outro, mapeando assim a variabilidade intra-tipos.

O passo seguinte foi comparar os tipos entre si a fim de identificar se aqueles atributos constantes em cada um deles eram também constantes nos outros e onde residia a diferença entre eles, mapeando a variabilidade inter-tipos.

### Níveis de variação

De acordo com a análise que fizemos percebemos três níveis de variação. Num primeiro nível estão aqueles atributos constantes em todas as flechas de todos os tipos, que indicariam os princípios básicos para construção das mesmas. O segundo englobaria aqueles atributos que admitem as mesmas variações em todos os tipos de flecha e que poderiam estar relacionados a escolhas do artesão motivadas por diferentes fatores situacionais.<sup>2</sup> O terceiro nível de variação estaria relacionado àquelas variações que individualizam os tipos. Assim, as flechas Xikrin são caracterizadas por atributos que permanecem constantes e atributos

(2) Fatores situacionais envolvem aspectos comportamentais, sociais e ambientais. Através de seus efeitos nos componentes das atividades que compõem a cadeia comportamental dos artefatos eles determinam os valores ideais de características de performance específicas (Schiffer e Skibo 1997)

que variam dentro de um espectro limitado, sendo essas variações decorrentes de diferentes aspectos situacionais.

#### *Variação inter-tipos: homogeneidade*

No que tange aos atributos constantes, para uma flecha ser Xikrín, sua haste deve ser de taquara, a amarração entre haste e vareta deve ser feita com envira e cerol, a amarração da emplumação com fios de algodão e cerol, as penas da emplumação principal atadas nas extremidades e em posição invertida e o entalhe deve ser na haste. Além disso, não se tratando de flechas rituais (com zunidor), a emplumação principal deve ser tangencial, a extremidade basal da amarração da emplumação principal deve ser feita com fios de algodão branco em forma cruzada, as penas da emplumação cortadas em mais da metade, com formas variando entre semi-elipse, trapezoidal e arredondada e devem apresentar uma combinação de penas de arara, mutum ou urubu na emplumação principal, ou excepcionalmente, apenas uma delas (Fig. 4). Ou

seja, há um conjunto de 11 atributos que aparecem em todas as flechas Xikrín, excetuando-se aquelas utilizadas em alguns rituais e dotadas de um zunidor (Fig. 5). Para essas há variações quanto à forma das penas e sua amarração (Fig. 6).

#### *Variação inter-tipos: fatores situacionais*

Dentro desse esquema há uma série de outros atributos que também caracterizam as flechas Xikrín, mas que admitem uma certa variação. Esse é o caso, por exemplo, da cor do fio que amarra a extremidade distal da emplumação principal, o qual pode ser branco, marrom ou preto, mas deve estar sempre em espiral. A emplumação na amarração distal pode estar ausente ou ser feita de penas vermelhas, azuis, pretas, vermelhas e amarelas ou vermelhas e azuis. Esse é ainda o caso das emplumações complementares distal e basal que, tanto no primeiro caso como no segundo, podem ser vermelhas, amarelas ou estar ausentes. É interessante notar que esses atributos apresentam outro tipo de variação dentre as flechas analisadas por Frickel, as quais apresentaram emplumação

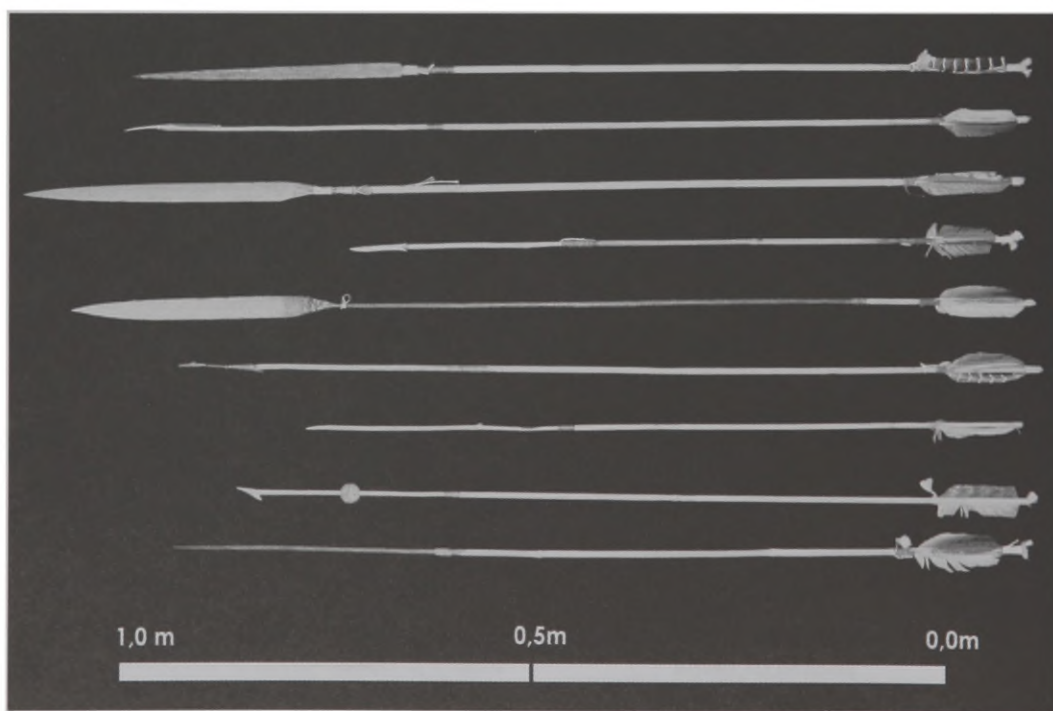


Fig. 4 – Foto com todos os tipos de flecha Xikrín identificadas por Frickel. Acervo MAE/USP.

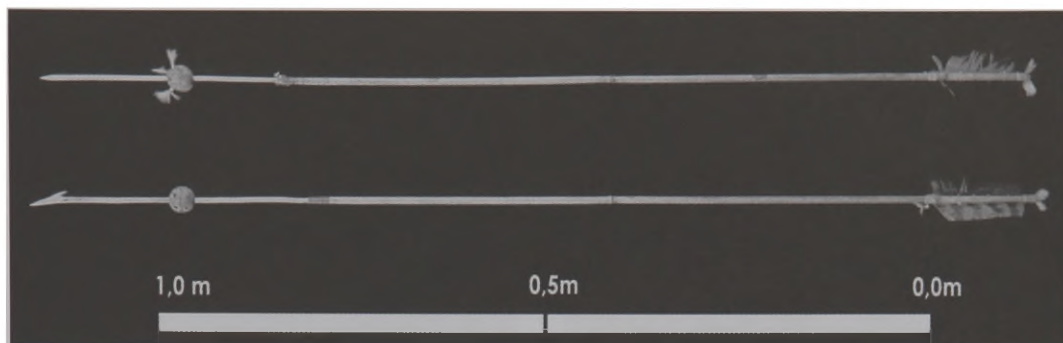


Fig. 5 – Foto das únicas duas flechas Xikrín com zunidor presentes no Acervo MAE/USP.

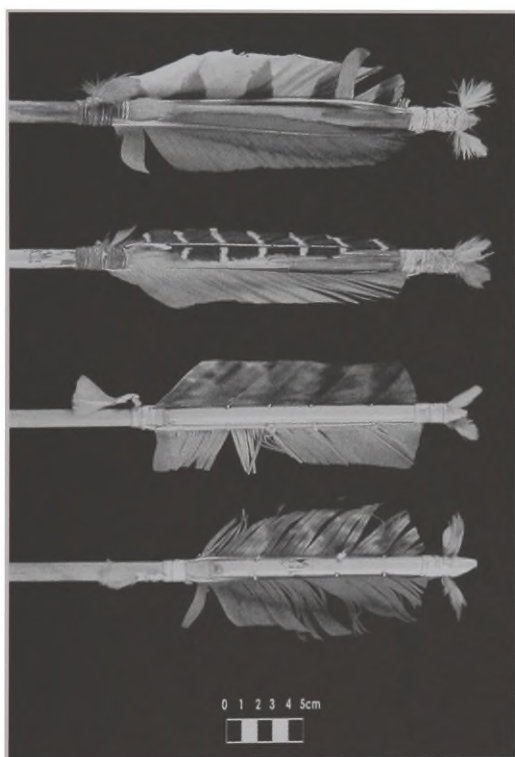


Fig. 6 – Foto mostrando aspectos da emplumação de flechas Xikrín com zunidor (as duas de baixo) e de flechas do tipo Buri (as duas de cima). Acervo MAE/USP.

complementar distal e fio preto na amarração distal da emplumação principal em todos os tipos e só algumas apresentaram emplumação complementar basal.

Esses três atributos (cor do fio que amarra a extremidade distal da emplumação principal,

emplumação na amarração distal e emplumações complementares distal e basal) indicariam um segundo nível de variação, resultante de escolhas situacionais. O espectro de variação dessas escolhas é definido dentro de um universo limitado de possibilidades. Ou seja, não é porque esses atributos permitem uma maior variação que sua escolha é aleatória.

Essas variações podem também estar relacionadas com o tipo da flecha, embora não sejam suficientes para individualizá-las como tal, uma vez que são compartilhadas com outros tipos. Embora nossa amostra seja pequena, é interessante observar que para os dois tipos de flecha em que temos o maior número de exemplares – *Buri* (12) e *Mru-í* (11) – a cor da emplumação complementar distal não tem a mesma variação. Enquanto para as *Buri* a cor da emplumação complementar distal é constante (sempre vermelha), para as *Mru-í* ela pode variar entre vermelha e ausente. Ou seja, talvez essa variação só possa ocorrer em alguns tipos de flecha. Isso não invalida a hipótese de que estas escolhas estejam relacionadas a diferentes fatores situacionais.

Quanto ao tamanho das flechas há alguns tipos que apresentam uma variação que se entrecruza e outros que não. Assim, *Pó* e *Potekê* são as maiores flechas dessa coleção – o que contraria as observações de Frickel com respeito a *Potekê* ser a menor flecha dos Xikrín. O intervalo de variação delas é compartilhado apenas pelas *Mru-í*, que compõem o tipo com o maior espectro de variação no tamanho. Depois destas, as maiores flechas estão no intervalo que engloba os tipos *Buri*, *Miety*, *Ferro* e *Kruanó*. Em seguida vêm as do tipo *Ikóp* e depois as *Akêno*. Mas, o menor exemplar destas coleções é do tipo *Mru-í*.

Esta organização por tamanho é bem diferente no caso das flechas coletadas por Frickel (Fig. 7). No nosso caso, as flechas do tipo *Ikóp*, *Akêno* e *Ferro* são muito menores, enquanto as do tipo *Pó* e *Poteké* são muito maiores. As do tipo *Miety* apresentam uma variação muito maior, havendo assim exemplares bem menores e bem maiores que os anotados por Frickel. No caso das *Kruanó*, apesar de as flechas estarem no mesmo intervalo de variação, aquelas analisadas por nós são em geral menores. O único caso em que a variação se mantém constante é para as flechas de tipo *Buri*.

Nome	Tam. (cm)	Tam. (cm)
	Frickel	Frickel
<b>Buri</b>	135-160	146-158
<b>Pó</b>	133-158	159-183
<b>Poteké</b>	90-115	166
<b>Kruanó</b>	130-170	138-153
<b>Mru-í</b>	148-163	118-174
<b>Akêno</b>	142-166	125-127
<b>Ikóp</b>	144	137
<b>Mietyetperu</b>	147-150	158
<b>De Ferro</b>	156-165	154

Fig. 7 – Tabela com o tamanho total de cada flecha da coleção do Frickel e das coleções analisadas pelo autor.

Esse aspecto é bastante interessante, pois indica que o atributo tamanho também parece estar sujeito à escolhas decorrentes de fatores situacionais. Ou seja, não existe uma medida ou mesmo uma variação para cada tipo de flecha como poderíamos supor, já que este atributo deve ter uma influência fundamental no desempenho do artefato. Como notamos na ficha apresentada por Frickel a variação de tamanho intra-tipos pode existir entre exemplares que estão presentes na aldeia ao mesmo momento, e pode aparecer também entre exemplares do mesmo tipo produzidos em diferentes momentos.

#### A caracterização dos tipos

Um terceiro nível de variação seria aquele relacionado à definição e distinção dos tipos. Como

vimos, são nove tipos de flecha relacionados a apenas três diferentes funções, havendo, portanto, mais de um tipo para realização da mesma função. Não podemos perder de vista, no entanto, que essas funções estão definidas em termos bastante genéricos, sem levar em consideração o tipo específico de animal ou a estratégia de caça empregada em cada um dos casos. Como não dispomos de dados para saber até que ponto a classificação oferecida por Frickel é ou não uma classificação êmica, não sabemos se esses dois aspectos interferem na classificação das flechas – o que seria de se esperar de acordo com uma série de trabalhos etnográficos recentes (Knecht 1997).

Voltando à diferenciação dos tipos, podemos dizer que é possível distinguir grupos em diferentes níveis. Nesse caso, através da função podemos separar o conjunto de nove flechas em três grupos, um com quatro tipos de flechas (relacionado à caça de aves e animais pequenos), outro com três tipos (relacionado à caça grande) e outro com dois (relacionado à pesca), mas não podemos individualizar cada tipo.

Para individualizá-los não podemos utilizar elementos isolados, como por exemplo, a presença ou não de vareta, o tamanho da flecha, a forma ou a matéria-prima da ponta, muito embora a maioria dos nomes esteja diretamente relacionada a ela: *Kruanó* – parte da madeira *Krua*; *Ikóp* – madeira; *Pó* e *Poteké* – dois diferentes tipos de taquara; *Ferro* – MP da ponta; *Mru-í* – Caça pequena (Silva – comunicação pessoal).

O que acontece é que não há um único elemento que as individualize, mas sim a combinação de uma série deles, dos quais os mais importantes parecem ser a forma e a matéria-prima da ponta. Apesar da nomenclatura analítica genérica como lanceolada, farpeada, ou em bisel, percebemos que cada uma delas tem um contorno formal específico em cada matéria-prima. Assim, o farpeado do ferrão de arraia não é o mesmo que o farpeado do ferro ou da madeira, como o lanceolado de paxiúba não é o mesmo que o lanceolado de taquara (Figs. 8 e 9). Nesse caso seria então uma inter-relação de matéria prima, forma e função o que definiria cada um dos tipos, assumindo a matéria-prima um papel de destaque.

No entanto, cabe ressaltar que há flechas com a mesma forma e matéria-prima da ponta, utilizadas para a mesma função, mas classificadas como tipos diferentes, como é o caso das flechas *Pó* e *Poteké*.





Fig.8 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin *Mietyetperu*, *Ikóp* e *Ferro* (da direita para a esquerda). Acervo MAE/USP.



Fig.9 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin *Buri*, *Poteké* e *Pó* (da direita para a esquerda). Acervo MAE/USP.

Nesse caso, a diferenciação entre elas é dada pela matéria prima da vareta, forma de amarração entre vareta e ponta, além de diferenças no tamanho e estrutura da flecha (Figs. 10 e 11). No que diz respeito à estrutura, a diferença entre *Pó* e *Potekê* é bastante significativa: enquanto no primeiro caso a haste é muito maior que a vareta, no segundo essa relação se inverte totalmente; o mesmo acontece na relação entre vareta e ponta, pois para o tipo *Pó* a ponta é muito maior que a vareta e para o tipo *Potekê* a vareta é maior que a ponta. Ou seja, apesar de ambas terem a mesma função, mesma forma e mesma matéria-prima da ponta apresentam uma estrutura bastante distinta, o que provavelmente

envolve um processo de produção também diferente e que, talvez esteja na base da sua dissociação em dois tipos distintos.

#### **Forma, função, matéria-prima e características de performance**

Com isso podemos levantar a hipótese de que mais do que uma relação entre matéria-prima, forma e função, o que individualiza os tipos é uma relação entre matéria-prima, forma e característica de performance, o que inclui aspectos que vão além da função (Schiffer e Skibo 1997). Quer dizer, as



Fig. 10 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin Poteké e Pó (de cima para baixo). Acervo MAE/USP.

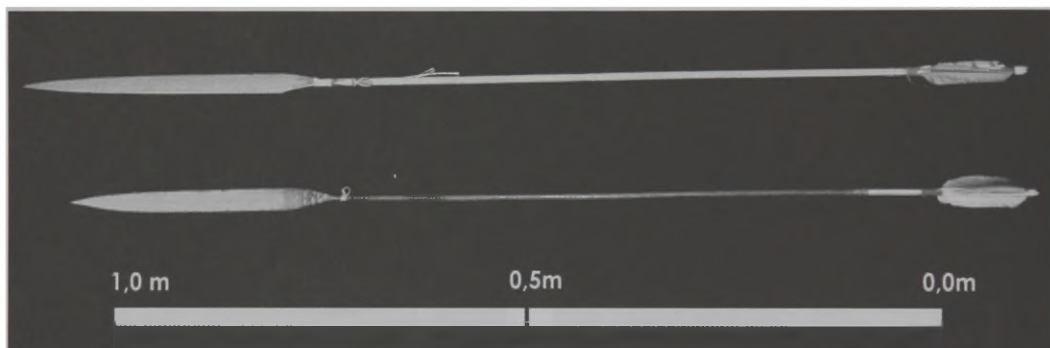


Fig. 11 – Foto das flechas Xikrin Pó e Poteké (de cima para baixo). Acervo MAE/USP.

flechas estariam relacionadas, nesse caso, não simplesmente à caça grande, mas também orientadas para causar um dano específico a diferentes tipos de animais, envolvendo diferentes estratégias de caça e, portanto, diferentes maneiras de executar uma mesma função que, por sua vez, envolvem certos aspectos formais específicos. Além do tamanho do animal, sua espécie, condições nas quais se encontra na hora da caça e sua reação ao ser flechado também há aspectos relacionados à organização social da caça (individual, em grupo, repartição do animal caçado, sazonalidade, tabus alimentares) que influenciam as escolhas realizadas no processo de produção das flechas e que podem acarretar diferentes aspectos formais (Chiara e Heath 1977:54; Griffin 1997:282). Talvez esse seja o caso entre os tipos *Pó* e *Poteké*.

Podemos pensar ainda que essas exigências de desempenho são diferentes para cada tipo de

atividade, acarretando, assim, maior ou menor grau de limitações no *design* dos artefatos. Por exemplo, para caçar animais de grande porte, apesar de pequenas diferenças no contorno formal, os três tipos de flecha têm as pontas de maiores dimensões dentre os outros tipos e todas são lanceoladas, o que poderia estar relacionado com o fato de as exigências de desempenho serem mais específicas e rígidas. Quer dizer, a ponta deve ser grande (entre 40 e 53 cm) e lanceolada, mas pode ser tanto de paxiúba quanto de taquara, sendo que, se de paxiúba, deve ter aletas e pedúnculo, enquanto se de taquara não deve ter nenhuma das duas coisas. Assim, para flechas cuja função é caçar animais grandes há certas restrições no *design* da ponta, mas não necessariamente da flecha como um todo. Se observarmos as partes constituintes de cada uma e suas dimensões, perceberemos diferenças significativas. As flechas de tipo *Buri* não têm

vareta, apenas haste e ponta, ao contrário de *Pó* e *Potekê* que têm haste, vareta e ponta. Apesar de o tamanho da ponta ser relativamente o mesmo para as três (Fig. 12), as *Buri* são menores do que as *Potekê*, que, por sua vez, são menores que as *Pó*. Além disso, essas últimas duas são também as únicas que possuem um estojo protetor da ponta.<sup>3</sup>

Dimensões	Buri	Pó	Potekê
Tamanho Total (cm)	146-159	159-183	166
Tamanho Ponta (cm)	43-52	40-51	46
Tamanho Haste (cm)	101-108	106-115	30
Tamanho Vareta (cm)	0	13-17	90
Haste/vareta	0	6,7-8,0	0,3
Vareta/ponta	0	~ 0,3	~1,9
Haste/ponta	~ 2,3	~ 2,4	~0,6

Fig. 12 – Tabela com as dimensões e a relação entre as partes estruturais que compõem as flechas utilizadas para caçar animais grandes.

Já para caçar animais pequenos e aves, temos uma variação maior no *design* das pontas, o que poderia estar relacionado a exigências de performance menos rígidas e, portanto, a um número maior de possibilidades ao longo das etapas de produção dos tipos relacionados. Para esta atividade temos quatro tipos de flecha, cada uma com uma forma de ponta diferente: apontada, no caso da *Kruanó*, biselada para a *Mru-í*, biselada com incisões para a *Akenó* e farpeada para a *Ikóp*. Esses quatro tipos, por sua vez, estão relacionados com as matérias primas que são, respectivamente, paxiúba, osso e madeira nos dois últimos casos (Fig. 13). Ou seja, a mesma função pode ser realizada por flechas que têm diferenças tanto na forma quanto na matéria-prima da ponta.

(3) Apesar de os Xikrin afirmarem que esse estojo é necessário para conservar as pontas secas e enxutas que de outra maneira não prestariam mais para a caça, Frickel considera a explicação uma “crendice venatória dos índios”. Talvez um aspecto importante seja a distância da fonte de matéria-prima que, nesse caso, fica a mais de dois dias de viagem (Frickel 1968:23).

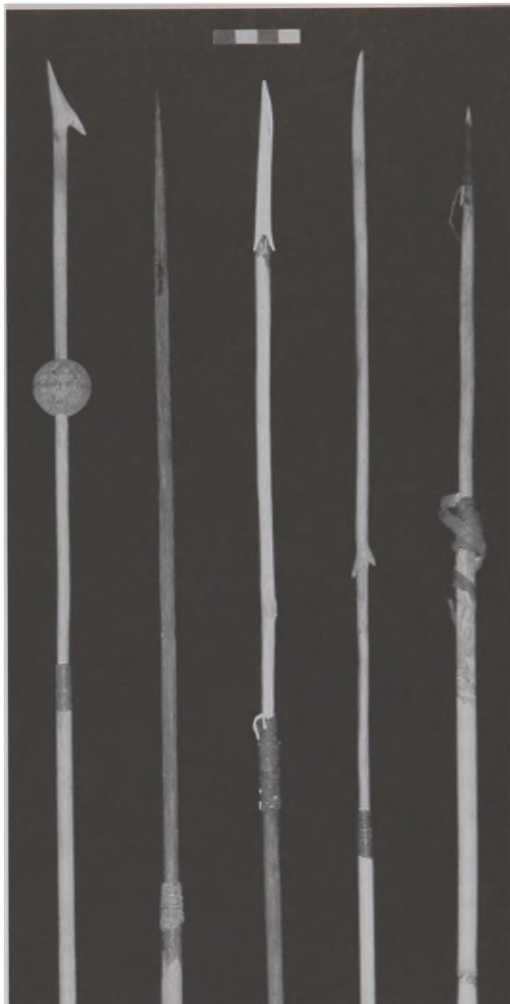


Fig. 13 – Foto das flechas Xikrin *Mru-í* (1 e 3), *Akenó* (2), *Kruanó* (4) e *Ikóp* (5) (da direita para a esquerda). Notar a diferença na ponta das flechas *Mru-í* 1 e 3. Acervo MAE/USP.

Quanto a essa questão de menores restrições no design e, portanto, maior possibilidades de escolha, as flechas do tipo *Mru-í* oferecem um bom exemplo. Primeiro, pois são as que apresentam maior variação de tamanho; segundo, pois apresentam também grande diferença na relação entre as três principais partes constituintes das flechas – que coincidentemente estão relacionadas às diferentes coleções às quais pertencem –; e terceiro, por apresentarem diferenças com relação ao animal do qual provém o osso que compõe a ponta, a forma

da ponta e de sua amarração, além de serem as únicas onde alguns dos exemplares apresentam uma espécie de pintura preta na vareta próxima à ponta.<sup>4</sup>

Como vemos, portanto, não há uma relação direta entre matéria-prima e função ou entre forma e função, mas sim entre forma e matéria-prima, já que apesar de receberem uma mesma categorização genérica, as pontas adquirem contornos formais específicos em cada matéria-prima. Seria então a relação entre esse contorno formal específico produzido em cada matéria-prima e as exigências relacionadas às características de performance demandadas por cada atividade o que estaria distinguindo as flechas e caracterizando-as como tipos distintos. Dito de outra maneira, as exigências de performance definem o grau de variação do *design* dos artefatos nas diferentes matérias-primas, o que passa a individualizar cada tipo de flecha. Assim, uma ponta de ferrão de arraia e de ferro, embora sejam ambas farpeadas, não são morfologicamente iguais, mas causam o mesmo efeito, o mesmo resultado, sendo, portanto, utilizadas para a mesma função, mas definidas como tipos distintos. A ponta farpeada de madeira não atinge esses mesmos resultados tanto que, dentre os Xikrín, é utilizada para caça de animais pequenos e aves.

### **Classificação das flechas: uma questão contextual**

Um outro aspecto ainda interessante diz respeito à presença de zunidor e de diferenças na amarração da emplumação principal em algumas flechas. Isso acontece no caso de uma *Akenó* e de uma *Ikóp*, que apresentam um zunidor na ponta da flecha e a amarração da emplumação principal atada com linhas em quatro pontos da haste, perpendicularmente a esta, bem diferente do que acontece nas outras flechas. Segundo Chiara (1986:135) uma das características de algumas flechas rituais é justamente o fato de produzirem som, um apito quando voam, exatamente como acontece com essas dotadas de zunidor (Métraux 1986:145). O interessante aqui é que não há a

produção de flechas totalmente diferentes para utilização em festas ou rituais, mas sim a adição de certos atributos que lhe conferem este significado. Essas mesmas flechas podem depois continuar a serem utilizadas num contexto funcional. É o que se percebe em duas outras flechas, uma do tipo *Buri* e outra *Mru-í*; em ambas encontramos quatro furos na haste justamente na área da emplumação principal, idênticos aos furos por onde passa o fio de algodão que ata as penas nas flechas com zunidor. Ou seja, muito provavelmente foram utilizadas em festas e rituais e depois novamente utilizadas para caça. Não há entre as observações de Frickel qualquer referência a esse aspecto, nem da utilização de zunidor nem de alteração nas formas de amarração das penas da emplumação principal.

O que chama a atenção nesse caso é a diferença existente na forma das penas e de sua amarração à haste de uma mesma flecha, produzida pelo mesmo grupo, mas utilizada em diferentes contextos. Segundo Métraux (1986:146), esses dois atributos poderiam ser utilizados para estabelecer uma classificação das flechas, mas não a grupos ou áreas culturais como já havia sido proposto por outros autores, já que como vemos esses atributos podem variar de acordo com a função da flecha.

Essas observações acima indicadas para os Xikrín parecem ser válidas também para outros grupos. É interessante como Métraux apresenta nas suas classificações gerais dados significativos para investigarmos a existência de uma variabilidade em diversos aspectos que vão além da forma geral das pontas. Ao definir os cinco tipos de ponta de flecha presentes em áreas de florestas tropicais (1986:145), o autor já indica também as variações possíveis entre e intra diversos grupos. Referindo-se ao primeiro tipo de ponta, que ele define como lanceolada e de bambu, apresenta possíveis variações: “*A forma pode variar até dentro de uma só tribo. Algumas pontas são quase planas; algumas são de corte transversal semicircular; algumas possuem ranhuras profundas entalhadas junto à base para produzir farpas longas e afiadas e algumas possuem uma fileira contínua de dentes quase até a ponta.*”

Quer dizer, para pensarmos na cultura material em geral e mais especificamente nas flechas, precisamos realizar um estudo contextual não só dessa variação formal, mas também do processo de produção dessas pontas. Fica claro

(4) Segundo Chiara (1978:52), as substâncias utilizadas para pintar pontas de flecha normalmente estão associadas com objetivos rituais.

aqui que não é um atributo, seja ele forma da ponta ou emplumação que vai nos permitir relacionar um conjunto artefactual a este ou aquele grupo cultural.

Para Métraux (1986), “*O tipo de ponta é a principal base para uma classificação funcional das flechas pois, via de regra, a ponta varia de acordo com o uso específico que é dado à flecha. Na maioria das tribos tropicais, usa-se um tipo diferente de flechas para a guerra, para a pesca, para a caça de diferentes animais e até mesmo para objetivos cerimoniais. A emplumação, por outro lado, pode servir de critério somente para estabelecer uma classificação regional das flechas.*”

O presente trabalho aponta para uma outra direção. Primeiro por enfatizar que a relação entre forma e função é mediada pela matéria-prima e está relacionada, em última instância, à característica de performance – o que se procura obter e como. Assim, a mesma forma genérica produzida em matérias-primas diferentes pode, no interior do mesmo grupo, ser utilizada para caça de diferentes tipos de animais. Isso pode estar relacionado com o tipo de dano que se pretende causar a cada animal e à maneira pela qual esse dano será causado, o que envolve a organização da caça. Além disso, tanto tamanho da ponta, quanto peso da matéria-prima podem também influenciar a estrutura da flecha como um todo, levando a modificações na forma de amarração, na matéria-prima e nos tipos de parte constituintes de cada flecha, o que por sua vez levaria a uma diferenciação tipológica destas. Segundo Chiara e Heath (1978:54), “*Accordingly, we shall consider a typology of arrow components in which types of shafts, point, fletchings, and other details, together with tribal allocations (mentioned in the literature and taken from the information we have gained by studying museum and other collections), will provide a general view of preference for such details.*”

Assim, levando tudo isso em consideração, não podemos dizer que só há cinco tipos de ponta e que estas estão diretamente relacionadas à função, nem que a emplumação traz informações apenas regionais. A articulação desses atributos em cada caso pode individualizar as flechas tanto em termos de variabilidade formal, quanto e principalmente em termos de diferentes processo de produção, diferentes gestos envolvidos na produção de uma ponta lanceolada com farpas longas ou

com dentes. Gestos estes que são culturalmente significativos (Mauss 1991) e que podem nos ajudar a caracterizar os conjuntos artefatuais de cada grupo, definindo um estilo.

### As flechas Xikrín

Outro ponto importante que tem relação direta com o que foi discutido acima diz respeito às variações isocréticas (Sackett 1982) identificadas no interior desse conjunto de flechas. Um primeiro nível no qual esse tipo de variação ocorre envolve a existência de mais de um tipo de flecha, com formas diferentes, para realização da mesma função – o que ocorre para todas as três funções identificadas por Fricke. Um segundo nível envolve a existência de flechas com a mesma forma e função, mas caracterizadas como sendo de tipos distintos – *Pó* e *Poteké*. E um terceiro nível envolve ainda a existência de flechas consideradas do mesmo tipo, portanto com a mesma função, mas com importantes variações de tamanho e, portanto de contorno formal.

Assim sendo, o que podemos depreender no final desse estudo?

- 1) Existe uma maneira específica de fazer flechas Xikrin, manifestada pela constância de determinados atributos e variação específica em outros, presente em todos os tipos de flecha, independentemente da função;
- 2) Existem atributos específicos nos quais escolhas situacionais podem estar melhor representadas;
- 3) Existe uma maneira específica de produzir cada tipo de flecha manifestada pela combinação de determinados atributos, que não estão apenas na forma e matéria-prima da ponta;
- 4) Existe uma relação entre forma, matéria-prima da ponta e características de performance na definição dos tipos;
- 5) Há variações isocréticas no conjunto de flechas Xikrín.

Há, portanto, nas flechas Xikrín, diferentes indicadores de identidade: étnica, social e individual. No entanto, esses diferentes indicadores precisam ser entendidos de forma inter-relacionada

já que uma flecha só é Xikrin e por exemplo *Buri*, usada para caça grande e feita por determinado artesão se tiver uma associação específica entre os atributos que a compõem; não há atributos essenciais versus atributos adicionados, ao que podemos concluir que não há uma dicotomia essencial entre estilo e função. O estilo reside na combinação de todos os atributos que compõem cada tipo de flecha, que por sua vez está ao mesmo tempo relacionado às características de performance da flecha. Isso implica num processo de produção específico, cujo resultado são as características formais que analisamos através da combinação e da variação dos atributos.

### Variabilidade formal nas flechas e o registro arqueológico

Transpondo tudo isso para o registro arqueológico, seria interessante pensarmos numa relação entre forma, matéria-prima e características de performance – o que se procura atingir e como – numa classificação de pontas de projétil líticas. Nessa perspectiva, observar a cadeia operatória de produção dos artefatos é fundamental, pois permite identificar as escolhas realizadas pelos artesãos ao longo de todo o processo de produção e pensá-las em termos de características de performance em cada uma dessas etapas, criando assim uma hierarquia de escolhas (Schiffer e Skibo 1997). Como mostramos, no caso Xikrin, a escolha da matéria-prima é, por exemplo, um dos aspectos mais importantes na confecção da flecha e está na base das atividades que compõem a cadeia operatória. Dependendo da matéria-prima utilizada, por mais que a forma em termos genéricos seja a mesma, há nuances que podem ser identificadas no registro arqueológico e que demandam um conjunto de gestos técnicos distintos.

Esse caso é interessante para pensarmos sobre o significado da variabilidade artefactual já que vemos que há uma série de variações isocréticas no interior do mesmo grupo, indicando, portanto, que esse tipo de variação não está, necessariamente, relacionado a uma diferenciação étnica (Sackett 1990, Wiessner 1990).

Podemos, assim, propor algumas reflexões acerca da análise e da construção de tipologias através das pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico:

1) A variação formal das pontas está diretamente relacionada a sua matéria-prima e às características de performance necessárias para realização da atividade à qual o artefato é destinado – ou seja, elaborar tipologias segundo critérios morfológicos caracterizando as pontas de acordo com matéria-prima e função é um procedimento absolutamente válido<sup>5</sup> No entanto, diferenciar grupos culturais, fases ou tradições tecnológicas tendo como base principalmente aspectos relacionados à forma dos artefatos, sem levar em consideração matéria-prima, função e cadeia operatória é um procedimento um tanto quanto criticável;

2) Diferentes atividades requerem características de performance distintas, o que acarreta diferentes *designs* das pontas, fazendo com que haja em alguns casos uma relação mais direta entre forma e função e menos direta em outros, ambos sendo, no entanto, sempre mediados pela matéria-prima; isso talvez possa ser um elemento interessante para pensarmos artefatos formais (menor variabilidade no *design*) versus informais (maior variabilidade no *design*) que, nesse caso, estariam relacionados não só a fatores como mobilidade, versatilidade ou transportabilidade, mas também aos tipos de atividade e à organização social da caça (individual, em grupos, de tocaia, de perseguição);

3) Há outros atributos formais, que não a matéria-prima nem a forma da ponta, responsáveis pela diferenciação tipológica de dois artefatos. Como mostramos no caso de *Pó* e *Poteke*, não conseguiríamos detectar a diferença entre ambas no registro arqueológico, já que esta aparece em partes que dificilmente se preservam. No entanto, a relação forma e função estaria assegurada nesse caso, já que ambas, apesar de consideradas tipos distintos, têm a mesma função;

4) Por fim, devemos trabalhar com a noção de variação isocrética tanto intra quanto inter grupos, ou seja, não necessariamente relacionada à diferenciação étnica; o que leva à necessidade de não só mapear as escolhas, mas também entender a sua razão, o porquê desta ou daquela opção, para aí sim podermos falar de estilo.

(5) Não podemos perder de vista que, como ressaltamos no início, não estamos lidando com as possíveis transformações decorrentes do uso, saque e atividades de curadoria, que nesse caso podem alterar a relação forma-matéria-prima-função

A fim de reforçar as hipóteses levantadas acerca do estilo e dos diferentes indicadores de identidade presentes nas flechas Xikrin, pretendemos prosseguir com esse estudo, analisando as demais flechas que compõem a coleção Xikrin do acervo do MAE/USP, tentando entender essas escolhas a partir do interior da sociedade Xikrin e, se possível, estendendo esse trabalho aos outros sub-grupos Kayapó. Somente a partir da comparação de estudos contextuais é que poderemos conhecer as demais possibilidades disponíveis a esses artesãos, para então compreender a razão das escolhas que resultou na variabilidade formal observada, tanto no que diz respeito aos contextos arqueológicos quanto etnográficos.

## Agradecimentos

À Dra. Fabíola A. Silva por ter me oferecido a coleção para estudar e pelas leituras e releituras desse texto. Aos técnicos do MAE, Regivaldo e Fátima que foram sempre muito atenciosos e arrumaram todo o material.

## Créditos

Todas as fotografias de peças do Acervo MAE/USP são de autoria de Wagner Souza e Silva.

BUENO, L.M.R. Style, form and function: from Xikrin's arrows to lithic artifacts. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 211-226, 2003.

**ABSTRACT:** In the present article we analyze the formal variability of the Xikrin's arrows at the MAE/USP collection in order to identify the existence of a specific way of doing arrows of this group and which attributes are essential to define each type of arrow. By classifying the arrows according to Frickel's description (1968) we also sought to investigate the relation between the point's form and raw material and the arrows' function. At last we present some hypothesis to think about the variability of lithic projectile points founded in the archaeological context and the necessity of reviewing the present classificatory framework employed in Brazil for this kind of artifact.

**UNITERMS:** Xikrin – Arrows – Formal variability – Style – Form – Function – Isochrestic variation – Lithic – Projectile points.

## Referências bibliográficas

- BINFORD, L.  
1989 Styles of style. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8: 51-67.
- CHIARA, V.  
1986 Armas: Bases para uma classificação. *Suma Etnológica*, V.2, Cap. 4: 117-137
- CHIARA, V.; HEATH, P.  
1978 *Brazilian Indian Archery: a preliminary ethno-taxological study of the archery of the Brazilian Indians*. England: The Simon Archery Foundation, 188p.
- CONKEY, M.  
1990 Experimenting with style in archaeology: some historical and theoretical issues. M. Conkey; C. Hastorf (Eds.) *The uses of style in* archaeology. Cambridge, Cambridge University Press: 5-17.
- CONKEY, M.; HASTORF, C.  
1990 Introduction. M. Conkey; C. Hastorf (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 1-4.
- DAVID, N.; KRAMER, C.  
2001 *Ethnoarchaeology in action*. Cambridge, Cambridge University Press, Cap. 7:168-224.
- DIBBLE, H.  
1987 The interpretation of Middle Paleolithic scrapper morphology. *American Antiquity*, 52 (1): 109-117.
- DIAS, A.S.; SILVA, F.A.  
2001 Sistema tecnológico e Estilo: As implicações desta inter-relação no estudo das indústrias

- Líticas do sul do Brasil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 95-108.
- DUNELL, R.C.  
1978 Style and Function: a fundamental dichotomy. *American Antiquity*, 43 (2):192-202.
- FRICKEL, P.  
1968 Os Xikrin. Equipamentos e Técnicas de Subsistência. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.7
- GREAVES, R.D.  
1997 Hunting and Multifunctional use of bows and arrows: ethnoarchaeology of technological organization among Pumé hunters of Venezuela. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology., New York and London, Plenum Press: 287-320.
- GRIFFIN, P. B.  
1997 Technology and variation in arrow design among the Agta of Northeastern Luzon. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology., New York and London, Plenum Press: 267-286.
- HEGMON, M.  
1992 Archaeological research on style. *Annual Review of Anthropology*, 21: 517-36.
- INGOLD, T.  
2001 Beyond Art and Technology: the anthropology of skill. M.B. Schiffer (Ed.) *Anthropological Perspectives on technology*. Albuquerque, University of New Mexico Press: 17-32.
- LEMONIER, P.  
1986 The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, 5: 147-186.  
1992 *Elements for an Anthropology of Technology*. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan: 1-24 e 79-103.
- LÉVI-STRAUSS, C.  
1989 *O pensamento selvagem*. Campinas, Papirus Editora:15-49.
- MAUSS, M.  
[1935] 1991 Técnicas y Movimientos corporales. In: *Sociologia e Antropologia*. Madrid, Tecnos: 337-353.
- MÉTRAUX, A.  
1986 Armas. *Suma Etnológica*, V.2, Cap. 5: 139-161.
- NELSON, M.  
1997 Projectile Points: Form, Function, and Design. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology. New York and London, Plenum Press: 371-384.
- PFAFFENBERGER, B.  
1992 Social anthropology of technology. *Annual Review of Anthropology*, 21: 491-516.
- ROLLAND, N.; DIBBLE, H.  
1990 A new synthesis of middle paleolithic variability. *American Antiquity*, 55: 480-499.
- SACKETT, J.R.  
1982 Approaches to style in lithic archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 59-112.  
1985 Style and ethnicity in the Kalahari: a reply to Wiessner. *American Antiquity*, 50 (1): 154-59.  
1986 Isochrestism and style: a clarification. *Journal of Anthropological Archaeology*, 51 (3): 628-634.  
1990 Style and Ethnicity in Archaeology: the case for isochrestis. M. Conkey; C. Hastorf, (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 32-43
- SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J.  
1997 The explanation of artifact variability. *American Antiquity*, 62 (1):27-50.
- SILVA, F.  
2000 As Tecnologias e seus Significados. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- WIESSNER, P.  
1983 Style and social information in Kalahari San projectile point. *American Antiquity*, 49 (2): 253-76.  
1984 Reconsidering the behavioral basis for style: a case study among the Kalahari San. *Journal of Anthropological Archaeology*, 3: 190-234.  
1985 Style or isochrestic variation? A reply to Sackett. *American Antiquity*, 50 (1):160-66.  
1990 Is there a unity to style? M. Conkey; C. Hastorf, (Eds) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 105-121
- WOBST, H.M.  
1977 Stylistic behavior and information exchange. C.E.Cleland (Ed.) *Papers for the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin*. Ann Harbor, University of Michigan, Museum of Anthropology, *Anthropology Papers*, 61: 317-342.

Recebido para publicação em 15 de dezembro de 2003.